

Apesar do Luto a Vida Punge

Clarice Lispector publicou entre 1967 e 1973 crônicas para o Jornal do Brasil que atualmente encontram-se reunidas em *A descoberta do mundo*. A escritora sempre disse que ela escrevera textos e não crônicas, uma vez que queria fugir a qualquer preço de rótulos que lhe eram endereçados. Esses textos falam de situações quotidianas que acontecem a todos nós, mas só aqueles que olham para o dia-a-dia com os olhos do sensível é que podem escrever de modo a nos surpreender ao ler seu texto.

O texto que trataremos aqui será *Amor imorredouro*, publicado no jornal do Brasil em 19 de setembro de 1967. Clarice narra uma situação corriqueira, ocorrida em um dia de sábado. A narrativa discorre sobre os laços de afeto em que as pessoas se envolvem em suas relações. Dentre esses laços há aquele que a escritora denomina imorredouro, ou seja, que não morre – ela diz que

imorredouro é o amor. A questão que coloco aqui, e que também está sutilmente presente no texto de Clarice, é: *o amor sendo imorredouro, não deixa morrer também o luto por aquele que amamos?*

Gotlib responde à questão da seguinte forma: “mas a lição não estaria propriamente na crença de que esse tipo de amor, ‘eterno enquanto dure’, dure aí nessa eternidade, sendo imorredouro?”. Gotlib entende a questão do eterno tal como é compreendida por Vinícius de Moraes, qual seja: o momento guarda uma eternidade: a eternidade do presente, que sendo passageiro e efêmero também guarda a duração enquanto não passa.

A minha resposta à questão diz respeito a ideia de que o luto pelos que amamos guarda a eternidade do instante, ou seja, ao acontecer a dor da perda, ocorre também uma transformação que se eterniza – essa transformação é a dor que não passa – como costume dizer – é um espinho na carne – que guar-

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

da na dor o germe da possibilidade de outras expressões de amor.

O motorista de taxi de Clarice, também continuou a viver apesar do luto persistente. Ele afirma veemente que o luto não atrasou sua vida. Ele relata como enriqueceu no Brasil e até comprou uma bela casa em Jacarepaguá onde há cachoeiras. Conta ainda que nesses 14 anos tudo passou a ser indiferente para ele, nunca mais amou nenhuma mulher, embora tenha tido outras mulheres. Clarice comenta com ele de como seria providencial um banho de cachoeira, dado o calor daquele dia. Essa fala descuidada da autora, muda instantaneamente a atmosfera de tristeza e pesar do motorista. Ele entende que ela queria tomar banho na cachoeira de água doce em sua casa e, prontamente, endereçou-lhe um convite. A escritora então conclui: “Mas isso prova que o espanhol é um homem sincero: a saudade intensa por Clarice não atrasa mesmo a sua vida”.

Sócia Fundadora Benemérita do IFEN e bolsa produtividade CNPq.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O IFEN retoma o Curso de Especialização agora com CERTIFICADO EMITIDO PELO MEC

ONLINE e AO VIVO | UM SÁBADO POR MÊS

Coordenação Geral:

Profª Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (CRP: 05/2834)

Responsável Técnica:

Mª Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (CRP: 05/14890)

INÍCIO EM FEVEREIRO DE 2021

Parceria: IFEN/EDUCAMAI

Inscrições abertas!

IFEN

Especialização x Formação

Você sabe a diferença?

Qual o público alvo?

Quando posso fazer?

Sou formado em outra área sem ser psicologia, posso fazer?

Sou estudante de graduação, posso fazer?

Quer saber mais? Entre em contato com ifen@ifen.com.br



Mariana Valente, 2020

Cem Anos de Clarice Lispector

Em 10 de dezembro de 1920 nascia, em uma aldeia na Ucrânia, Clarice Lispector, que viera a se tornar uma das maiores escritoras do Brasil. Formou-se em direito, mas nunca exerceu a profissão. Utilizando alguns pseudônimos, como Helen Palmer, começou escrevendo para revistas femininas sobre culinária e moda, onde aproveitava também para incitar uma mudança de comportamento nas mulheres.

“Não escrevo para fora, escrevo para dentro”, dizia Clarice sobre sua escrita, não gostava de dizer também que era uma escritora, preferia se considerar uma amadora, pois assim preservaria a sua liberdade para escrever. De uma narrativa interiorizada, centrada na vivência interior do personagem e do fluxo de consciência, a obra de Clarice delineou os rumos inovadores da terceira geração modernista. A escritora revelou-se como uma analista do cotidiano e ressaltou em vários de seus depoimentos que seus livros continham mais impressões do que histórias. Clarice afirmava que não se preocupava com os fatos em si, visto que, na sua visão, o mais importante seria a repercussão do fato no indivíduo (Campedelli, 2009). A obra de Clarice é tomada por um fluxo de consciência, por questionamentos acerca da própria existência, isto é, o homem deslocado a procura do seu lugar no mundo.

Uma característica marcante presente na obra de Clarice é a epifania, é o momento de revelação em que as personagens são tomadas por um estranhamento diante do automatismo do cotidiano. A angústia, o desespero existencial e as indagações sobre a própria existência são pontos cruciais nas suas narrativas. O gatilho desse momento luminoso, acionado pelo cotidiano, permite o início de uma reflexão sobre a existência, misturando sentimentos antagônicos como o medo e o fascínio, o desejo e a repulsa, o achar-se e o perder-se.

No conto *Amor*, Ana, a protagonista, vivia aparentemente uma vida tranquila, mergulhada nos afazeres do cotidiano, esquecia-se de si mesma, restringindo suas possibilidades ao que era ditado pelo impessoal. Ana era casada e tinha dois filhos, sua vida seguia sem imprevistos, até que um dia, no bonde, distraída, Ana é tomada pelo inesperado, pelo estranhamento, ao ver um cego mascarado chiclete. Ana percebe que algo intranquilo estava acontecendo e desestabiliza-se. A cegueira do ho-

Ana Lúcia Trindade de Souza

mem e o ato de mascar o chiclete suscitou na personagem uma inquietação diante da vida, descortinou algo que estava obscurecido. O homem cego fez Ana refletir sobre a sua própria cegueira diante da vida e de si mesma. A partir desse instante luminoso, a dona de casa foi expulsa do paraíso, da ilusão em que vivia. A cena causou na personagem um efeito devastador, parecia que a existência daquele homem perturbava a sua paz alienada e a convocava a refletir sobre o caráter imprevisível e incontornável da existência. Esse acontecimento fez com que a personagem pudesse rearticular os sentidos do seu modo de existir. É a partir desse instante luminoso, de lucidez ou de loucura, que seus personagens são capazes de vislumbrar a rotina, a força do tem-de-ser, a cadência do impessoal que lhes cega e esmaga a existência. É o momento epifânico revelando-lhes o seu caráter de abertura, de liberdade e de possibilidades.

Referência

Campedelle, S. (2009). *Literatura Brasileira e Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva.

Psicóloga. Mestre em Linguística e Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN.



Mariana Valente, 2020

Editorial

O **INFORMATIVO IFEN nº 4** presta mais uma homenagem a Clarice Lispector, no ano de comemoração ao seu Centenário de nascimento. As matérias deste informativo são compilações das apresentações feitas na live veiculada no canal do Youtube do IFEN intitulada *100 anos com Clarice*, realizada no mês de julho de 2020.

Dentre tantas homenagens feitas a Clarice, apresentamos também o selo comemorativo ao centenário da escritora, lançado pelos Correios. A arte deste selo é criação da neta de Lispector, Mariana Valente, que construiu a ilustração com retalhos de cartas, páginas de livros antigos e envelopes da própria avó.

A literatura sempre esteve presente nos estudos desenvolvidos pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e acompanhados pelo IFEN, como forma de expressão das experiências humanas e como esse tipo de linguagem pode repercutir nas reflexões acerca da clínica psicológica. E Clarice, com seu estilo inconfundível, nos convida a partir de seus personagens, a acompanhar experiências que exprimem sentimentos e ambiguidades próprias do homem de nosso tempo.

E justamente no ano de 2020 que o mundo revive uma pandemia, Clarice Lispector volta à cena para nos inquietar e ao mesmo tempo nos acalantar com seus escritos que tratam dos sabores da vida cotidiana. E as reflexões que surgem a partir de seus escritos contribuem para os estudos desenvolvidos no IFEN, que vem marcando sua vocação Clínica na psicologia.

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

O conteúdo na íntegra de cada matéria e o emprego das normas ortográficas e de concordância e regência é de responsabilidade exclusiva das autoras e autores.

Equipe IFEN

Responsável Técnica:

Psicóloga M^a Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (CRP: 05/14890)

Coordenação Geral:

Psicóloga Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (CRP: 05/2834)

Coordenação Acadêmica e de Comunicação:

Psicóloga Elaine Lopez Feijoo (CRP: 05/25783)

Coordenação de Cursos e Sócios:

Psicóloga Flávia Protasio (CRP: 05/61611)

Associe-se ao IFEN

- 1 Descontos em Jornadas e Congressos
- 2 Descontos nos livros Edições IFEN
- 3 Cinema IFEN
- 4 Palestras
- 5 Biblioteca
- 6 Novidades por e-mail

Se liga nos benefícios

Não perca tempo !!!
Associe-se já e desfrute de todos os benefícios.

ifen@ifen.com.br

Um Favor

Yan Sousa de Almeida

Você acredita que me deram 500 palavras para eu falar de Clarice Lispector? Como se faz uma coisa dessas, seja com 500 ou 500 mil palavras?! Eu fiz uma apresentação de quase 30 minutos – que tem mais de 4 mil palavras (4327 pra ser exato. É... Eu contei) – para dizer que não é possível falar de Clarice por ela, só a própria pode falar de si mesma. Agora estou de frente para essa tela em branco, tela que diz muito mais do que qualquer amontoado de palavras. Aqui, de joelhos reclamando, percebo que já usei quase 100 palavras. Meu Deus! Que desamparo, mas pego na mão de Clarice, me levanto, porque ela me disse que a vida é coisa tão forte que consegue se amparar no desamparo (Ler: Uma aprendizagem: ou O livro dos prazeres).

Começo de novo. Sempre a errar devagar, (Ler: A Legião Estrangeira) divagando. Clarice é algo de difícil definição, dizeres e categorização. Clarice é uma autora literária internacionalmente conhecida, porém ela não se dizia literata (Ler: Intelectual? Não), nem ao menos escritora (Ler: Conversas). Clarice tem mais de 600 páginas de crônicas, só que ela não se via como cronista e dizia não saber o que é crônica (Ler: Ser Cronista). Na verdade, Clarice não se entende. Ela admite que é tão misteriosa que nem se conhece (Ler: Correspondência).

Então o que que você quer de mim leitor? O que você quer que eu diga, se eu não sou Clarice? Se não tenho a habilidade de fazer os outros descobrirem partes de si mesmo que os próprios nunca sentiram? Mas que depois de ler Clarice percebem essas partes ocultas de si próprio? Clarice é capaz de revelar o meu eu mais eu, me fazer acreditar que posso nascer do próprio parto (Ler: A Legião Estrangeira) porque que eu sou mais forte do que eu.

Clarice não se entende – o leitor pode entender isso como o bem entender (Ler: Não Entender) – porque Clarice não é pra se entender mesmo (Ler: O Meu Próprio Mistério). Entender Clarice é não entendê-la. Porque entender Clarice é entender que

Psicólogo, cursando mestrado no Programa de Pós-graduação PPGPS/UERJ.

Clarice em Meu *Lispector* Clínico

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (Lispector, 1998, p. 11). Dizer sim à vida num momento de pandemia mundial é, também acolher a lembrança de “que a gente morre”, o narrador, espantado, pergunta-se: “mas eu também?!” e o “sim” do começo, reaparece (Lispector, 1998, p. 87).

Eis o problema de ler Clarice: “se alguém comete a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido” (Lispector, 2016a, p. 342). Encontrar-se com ela é um risco de mexer na alma, podendo, desavisadamente, adentrar a Própria vida.

Indagada por um jornalista se teria algum objetivo específico no campo da literatura, Clarice responde “apenas escrever” (Lispector, entrevista, fevereiro 1, 1977). A resposta acena para o acolhimento da escrita como destino, como se dissesse: eu vivo porque escrevo. Perguntei-me: qual seria o meu “apenas”?

Clarice desacomoda as malas, que carrego fechadas por não viver. Com uma “fredda súbita do carro” provoca-me “um desastre irremediável” fazendo “despencarem as malas”, abrindo-as (Lispector, 2016b, p. 219). Abertas, deixo (-me) aparecer... Sem a trapaça de querer corresponder à expectativa de outrem, que me distrairia do entregar-me ao meu caminho, “numa intimidade (...) há muito esquecida” (Lispector, 2016b, p. 220).

para sentir, para amar o amor solene e verdadeiro (Ler: Perdoando Deus) é preciso amar justamente porque não se entende. Confuso né? Sim, porque você leitor, ainda está tentando entender.

O maior objetivo da Clarice, ela própria disse, era conseguir não dizer nada (Ler: Estilo), e fazer o outro florescer pelo toque de suas palavras (Ler: Delicadeza). Então, quem sou eu pra dizer? Contudo digo que Clarice, com suas palavras, fez exatamente isso. Porque quem sente não precisa dizer, porque... Sente. E Clarice sente tanto (Ler: Uma Revolta e O Que eu Queria ter sido) que é capaz de fazer até os “entendidos”, sentirem. Então, o que você ainda está fazendo aqui? Pára logo de me ler e vai ler Clarice. E faça-me um favor de abrir mão desse seu entendimento e vê se sente alguma coisa.

Renata Ferreira de Azeredo

Nesta experiência da entrega, de repente, adentro à minha vida e a de um outro que conasce no solo da minha clínica, onde acolho o meu “apenas”.

O clinicar devolve-me o Próprio, ali não é possível saber antes do sabor; não há “cola”; atender é entregar-se. Assim, estou-com e em risco. Sim! “A salvação é pelo risco, sem o qual a vida [a clínica] não vale a pena” (Lispector, 2018, p. 184). Quando não estou em risco, encontro-me na técnica, por covardia de estar-com e só; por medo do novo e por não saber “me entregar à desorientação” (Lispector, 2009, p. 11).

A des-orientação oportuniza um afinar-se à vida de quem ouço. Nesta cumplicidade, embalada pela melodia dos pacientes narrando suas angústias, sinto-com eles “que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte” (Lispector, 1982, p. 58). Diante “do absoluto da morte” é na relação clínica que vou construindo meu apenas... lembrando que ainda é “tempo de morangos” (Lispector, 1998, p. 87).

Referências:

- 1 – Lispector, C. (1977, fevereiro 1). Panorama com Clarice Lispector (Júlio Lerner, entrevistador) [vídeo]. Recuperado de https://tvcultura.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html.
- 2 – Lispector, C. (1982). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 3 – Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- 4 – Lispector, C. (2009). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- 5 – Lispector, C. (2016a). “Os obedientes”. In B. Moser (Org.). *Todos os contos* (pp. 341-348). Rio de Janeiro: Rocco.
- 6 – Lispector, C. (2016b). “Os Laços de Família”. In B. Moser (Org.). *Todos os contos* (pp. 218- 226). Rio de Janeiro: Rocco.
- 7 – Lispector, C. (2018). “Aprendendo a viver”. In P. K. Vasquez (Org.). *Todas as crônicas* (pp. 182-184). Rio de Janeiro: Rocco.

Psicóloga, cursando Doutorado no Programa de Pós-graduação PPGPS/UERJ.



A Doçura de Macabéia

Se na “A Igreja do Diabo”, o capiroto é o “espírito que nega” (Assis, 2008, p. 364), na *Hora da estrela*, Macabéia é o espírito que afirma: “Tudo começou com um sim” (Lispector, 1998, p. 11). Mas sua afirmação é de tal modo inocente que ela mesma não sabe que destila da vida um “sim” afirmador, porque é próprio de toda grandeza não se saber *grande*. Quando a grandeza olha para si, ela contempla tão somente um “buraco” – “buraco” que esburaca, inclusive, quem o olha, contraindo, por sua parte, o testemunho de uma vista desamparada. É isso que sente o narrador do livro, quando olha estarelecido para Macabéia: “Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça” (p. 26). Se esse “oco” abismal, com seu desamparo, desassossega o narrador do livro, o mesmo não se passa com Macabéia, pois o “oco” a chama, e ela o deseja, desposando-o para si. Esse é o encontro no qual a vida desperta para a própria vida, sob o enlace que se confia ao único amparo de poder ser. Eis, assim, o exercício de um *grande* desejo, que é desejo finito: querendo-se, apropriando-se, adquirindo-se sob o desamparo amparador de uma *possibilidade*: “Você sabe se a gente pode comprar um buraco?” (p. 49), deseja Macabéia, recordando o “poço” da infância.

Essa pergunta soa incompressível (“impossível”, diria Olímpico de Jesus) para os ouvidos hodiernos, pois se o desejo pode ambicionar a infinita sede de poder – o tudo de um latifúndio sem fim –, porque querer apenas a *possibilidade* fugidia que pulula do fundo do próprio *nada*? Mas, Macabéia é o espírito que afirma a *grande* abertura que nos desampara por dentro, ajustando-nos, assim, à infinita finitude do pouco que somos. Por isso, não há lamento, não há desesperação, não há repulsa, não há revolta, não há qualquer resistência no modo de ser de Maca! Ela é a pura entrega que concede, assentindo à vida, *consistindo* em ser apenas a voz que pode entoar o seu mavioso e silente “sim”. Esse irresistível “sim” resiste inconscientemente a todos os não, resiste até mesmo à agonia que é o não dinâmico da morte ferindo o corpo para a própria morte. Mas,

Eduardo da Silveira Campos

como? Isso aparece a partir da cena do atropelamento, o trágico *gran finale* que Rodrigo S.M., *heterônimo* de Clarice, ousa sustentar até o último fôlego vital. Na cena, com o corpo estirado no chão, esvaindo-se em sangue, ela prefere que o último ato, antes da morte de fato, seja o do corpo curvando-se num abraço que envolve a si mesmo, ao sabor de um “doce nada”; como se a vida não quisesse simplesmente agonizar, preferindo, antes, fazer de si mesma uma livre oferta à morte. Desse modo, até mesmo diante da negativa da morte, Macabéia afirma-se no gostoso abraço de ser.

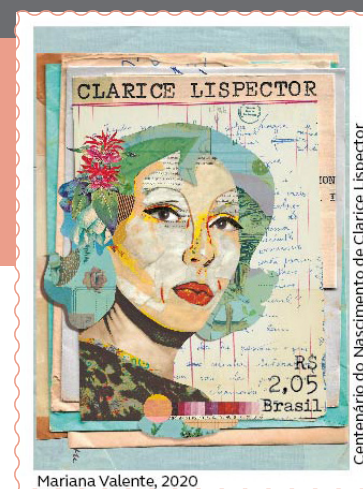
A vida que não se sabe “oca” desespera-se na morte, sob a consciência da perda de si. Mas o que perde a mulher que já é “oca”, o que perde se não possui um “si” para ser perdido – um “eu”? O atropelamento tira tragicamente a vida de quem já não tinha nada. Mas, é justo esse *nada*, um “oco de alma” (p. 14), o sentido imperdível que lhe doa os fios com os quais tece a humildade de um soberbo “sim”. O nosso espírito moderno, membro da “Igreja do Diabo”, nega, no humano, o próprio *humano*, quando nega o acolhimento desatinado de um singelo “sim”. *Ocando-se*, no oco de Macabéia, o homem moderno desespera-se, levantando a questão para qual não suporta a decisiva resposta: “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente (p. 26).

Referências

Assis, M. (2008). *Contos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia (Original publicado em 1870)

Lispector, C. (1998). *A Hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco (Original publicado em 1977)

Filósofo. cursando Pós-doutorado em Filosofia PPGF/UFRJ, Pesquisador do Laboratório LAPSO/IPUB/UFRJ.



Mariana Valente, 2020

IFEN
INSTITUTO DE
PSICOLOGIA
FENOMENOLÓGICO
EXISTENCIAL
RIO DE JANEIRO

**CURSOS
2021**

**FORMAÇÃO EM
PSICOLOGIA CLÍNICA
NA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL**

Online
E
Presencial

Inscrições: ifen@ifen.com.br

Situações Clínicas em Debate

Coordenação:
Profª Ana Maria Lopez Calvo de Feljoo

ONLINE

Encontros mensais:
Sexta-feira das 15h às 17:30h
Sábado 1 das 9:30h às 12h
Sábado 2 das 9:00h às 12h

Situações Clínicas em Debate

Coordenação:
Myriam Moreira Protasio

ONLINE

Encontros mensais:
Sábado das 9:30h às 12h

SUICÍDIO

NUCLEO
ESPECÍFICO

ONLINE

**Formação de Profissionais de Psicologia e
Áreas Afins para Atuação
Clínica em Situações de Suicídio
Na Perspectiva Fenomenológico-Existencial**

Um Sábado por mês

Público alvo: Alunos, profissionais de psicologia e áreas afins.

Prof.ª Mª Bernadete M. F. Lessa
CRP 05/14890

IFEN
INSTITUTO DE
PSICOLOGIA
FENOMENOLÓGICO
EXISTENCIAL
RIO DE JANEIRO

**CURSOS
2021**

**Formação em
Psicoterapia
Infantojuvenil
na Perspectiva
Fenomenológico-
Existencial**

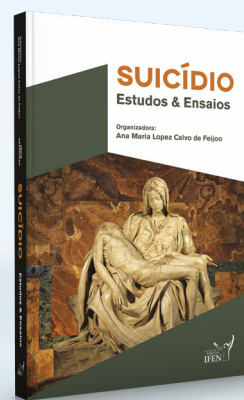
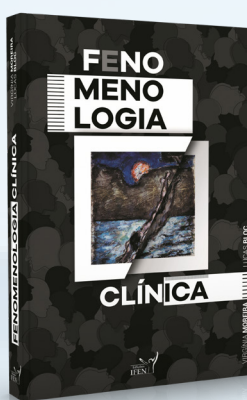
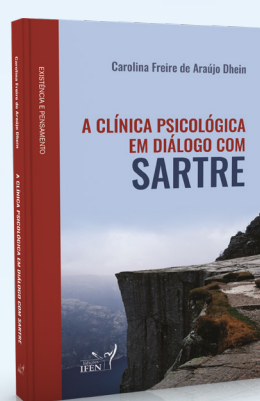
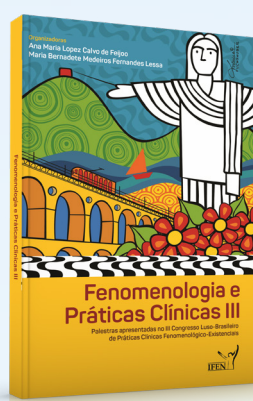
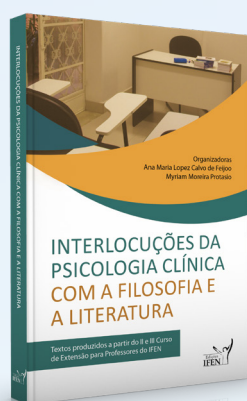
Online

Inscrições: ifen@ifen.com.br

INFORMATIVO

IFEN

Lançamentos Edições IFEN



INFORMAÇÕES:
www.ifen.com.br/site/loja
edicoesifen@ifen.com.br
Tels.: (21) 2268-9907 / 2208-6473



Frete grátis para
todo o Brasil